PERSPECTIVAS E MUDANÇAS: A DISCUSSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO PÚBLICO

Karlene da Silva Andrade[1]
Rebeca Azevedo[2]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar questões de gênero e sexualidade, a partir de uma perspectiva feminista e histórica, no atual sistema de ensino da rede pública brasileira. Buscamos investigar em qual momento histórico os temas começaram a ser abordados em sala de aula e de que forma. Deste modo será discutido o papel da educação pública, como esta acaba por reproduzir preconceitos nas diferentes formas de ensino e método. Entendendo a escola como um ambiente que não está separado do contexto social, onde muitas vezes fortalece velhos preconceitos em vez de quebrá-los, seja nos conteúdos como nos fardamentos escolares, esportes, atividades em sala e outras práticas que de alguma forma possa gerar segregações. Trazendo as experiências de nossos estágios e bolsa de iniciação à docência iremos trabalhar esses questionamentos, com o objetivo de compreender qual deve ser a posição das militantes docentes no processo de ensino-aprendizagem dos/as estudantes. Colocamos assim o feminismo como um meio capaz de promover a igualdade de gênero entre estudantes dentro do ambiente escolar e consequentemente no processo educacional.

Palavras-chave: Educação. Gênero e Sexualidade. Feminismo.

1 INTRODUÇÃO

O proposto trabalho busca compreender, analisar e trazer debates em torno das questões referentes ao gênero[3] e a sexualidade[4] no ambiente escolar. A partir de nossos questionamentos e dúvidas procuramos buscar os motivos e os fatos que

---

[1] Graduanda em licenciatura plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência- Pibid, de Direitos Humanos Gênero e Sexualidade na Escola.

[2] Graduanda em licenciatura plena em Histórica, pela Universidade Federal do Ceará (UECE), estagiaria da Prefeitura de Fortaleza.

[3]Colocamos gênero como um processo de construção e também de desconstrução, o gênero além de ser algo cultural é subjetivo; é um comportamento, muitas vezes gerado através de negociações e construções. "É através do gênero que definimos os papéis para as mulheres (educar, cuidar, e servir, por exemplo) e para os homens (prover e proteger, por exemplo). (...) O gênero é uma referência central para a nossa identidade. (NASCIMENTO; GIONORDOLI-NASCIMENTO, p. 92 - 93, 2011)."

[4]Colocamos sexualidade como essa construção envolvendo afetos e práticas sexuais, sempre abertas. -" a sexualidade tem tanto haver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo, [Jeffrey Weeks- 1993. p.6 (LOURO, 1997, p.26)]

geraram a preocupação de educadores e gestores, a debater gênero nas escolas brasileiras. Sabemos que o assunto que estamos tratando era e é até hoje temas difíceis de serem tratados com crianças e adolescentes, mas que na contemporaneidade existe uma melhor abertura na sociedade para abordamos tais temas. Isso se reflete também nos artigos e leituras sobre gênero e sexualidade, percebe-se que há um interesse para essas discussões, porém muitas vezes o tema é considerado de segundo plano, assim como na academia cientifica, quanto na escola.

Assim entendemos que os estudos sobre gênero e sexualidade têm uma importância trivial, para uma cultura de igualdade em uma sociedade democrática, e que passaram a ser iniciados historicamente a partir de uma perspectiva feminista, (no sentido que os escritos objetivaram provar ou questionar), o que era a mulher desde então, colocando novos horizontes para o "ser feminino", podemos citar o tão celebre e conhecido livro de Simone de Beauvoir: "O segundo sexo". Citando uma parte do livro: "(...) em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebem da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens". Simone (2009) afirma que mesmo que a mulher consiga se libertar economicamente do homem, isso não garante sua libertação moral, social e psicológica, a igualdade e liberdade de fato em relação ao homem.

Essa discussão trazida no meio do século passado vem contribuir para o que seja o feminismo hoje. Em nossa concepção, de acordo com leituras, práticas e vivências, o feminismo precisa ser libertador de todas as formas, gerando não só a igualdade entre homens e mulheres, mas também de classe e raça, passando por outras questões de gênero e sexualidade, como a homossexualidade e transsexualidade. É nesse sentido que a proposta do artigo busca se orientar, colocando em xeque a escola e o processo educacional.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO: GÊNERO E SEXUALIDADE

> Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também,

> internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997, p.57).

No decorrer da história da educação brasileira, em meio as diversas disciplinas escolares, vamos encontrando assuntos que trazem a temática do gênero para sala de aula. Do Português à Educação Física o docente pode trabalhar numa perspectiva que estimule e eduque os estudantes a pensar o corpo e a sexualidade.

Desde algumas décadas atrás o ambiente escolar vem trazendo e fazendo a abordagem do gênero. Na disciplina de português, alguns grupos de professores começaram a pensar a escrita sexista nos textos, nas leituras em sala de aula. O porquê de nos referimos sempre ao masculino ou a generalização da letra "o" para contemplar os dois sexos.

Isso mostra os avanços no debate de gênero na escola, a postura de um pensamento crítico em torno na temática. Tanto por professoras, professores e estudantes. Em matérias como história e geografia vemos a preocupação dos livros didáticos em mostrar as mulheres na história, o papel da mulher na política, na cultura na sociedade. Pequenos passos na educação que podemos considerar ganhos.

A sexualidade e questões ligadas à diferenciação do que é feminino e masculino, se torna muito evidente na disciplina da Educação Física. Onde fica nítido a separação do que é jogos de "menino" e do que é de "menina". Com os argumentos que as mulheres são mais fracas, incapazes de chutar uma bola para o gol. Percebermos também, o corpo. Educação Física trabalhando e mexendo com o imaginário dos que observam o corpo do colega por conta da roupa mais curta usada na disciplina.

Escrita, História, jogos, brincadeiras, leituras dentro e fora de sala de aula, refletem os pensamentos da sociedade sobre o que é gênero e sexualidade. O que prevalece ainda no ambiente, é o senso comum das divisões sexuais. Mas apesar das dificuldades que nós docentes e futuras docentes iremos enfrentar em sala de aula, observamos avanços em torno da pauta e mais abertura para tratar desses temas.

Para compreendermos nossas análises, iremos buscar na história explicações sobre as questões do gênero. Como sabemos o modelo de educação brasileira baseada nos moldes eurocêntricos não se importava muito com a educação das mulheres. A conquista por uma escola pública, de ensino médio, com acesso para meninas se deu no final do império, onde antes o acesso era restrito as escolas privadas.

Nas escolas privadas, meninas eram separadas dos meninos. Professoras dando aula para as meninas e professores para os meninos. Marcas do patriarcado[5] e do machismo desde épocas mais antigas. Aos poucos as mulheres foram conquistando espaço na sociedade e na educação, conseguindo entrar no mercado de trabalho e atuar dentro das escolas também.

Com a abertura de escolas mistas no país, o trabalho da educação por parte dos docentes foi a total descriminalização das mulheres. A educação mista não conseguiu quebrar os paradigmas de gênero, só contribuiu para aumentar as diferenças discriminatórias entre homens e mulheres.

A autora Maria Inês Sucupira(2014), fala disso em um dos seus trabalhos intitulado como: A mulher na escola. (Brasil:1549- 1910), nesse trabalho ela busca trazer elementos sobre a discriminação sofrida pela mulher-menina, dentro dos espaços escolares. Quais eram as prioridades para a educação da mulher, como aulas de cozinha, corte/costura e artesanato, para os homens o ensino das letras, matemática e das ciências. Essas disciplinas foram impostas na educação para as mulheres na legislação após a independência do Brasil:

> A nossa primeira legislação específica sobre o ensino primário, após a independência, foi a lei de 15 de outubro de 1827, conhecida como Lei Geral, que padronizou as escolas de primeiras letras no país, contemplando a discriminação da mulher. Elas não aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos, principalmente as consideradas mais racionais como a geometria, e em compensação deveriam aprender as 'artes do lar', as prendas domésticas (SUCUPIRA, 2014).

[5] Entendendo o patriarcado, como a condição histórica e política onde homens são considerados superiores as mulheres. Certos privilégios antigos e culturais desta prática antiga ainda se projetam hoje em dia de outras formas.

Analisamos então, que o papel da mulher, o estereótipo da "boa moça", "cuidadora do lar" foi considerado inclusive na educação escolar de meninas, e assim dos meninos, que deviam ser homem de negócios e o provedor da família. Percebe-se que apesar, da abertura para educação, leitura e escrita, havia uma possibilidade pequena dessas meninas de entrarem no mercado de trabalho, então de toda forma, seu o seu papel principal, ainda continua sendo o da vida privada, encarregada do lar.

Colando uma perspectiva de gênero na escola, se a inserção da mulher dentro da escola brasileira foi caracterizada de uma forma lenta e carregada impedimentos, tratar sobre sexualidade dentro de sala de aula foi e ainda é um dos tabus que nós docentes vivemos. Outro ponto que discutiremos no decorrer no nosso trabalho é esse sobre a sexualidade, que implica também as questões relacionadas ao gênero.

Atualmente temos iniciativas governamentais no parâmetro curricular nacional (PCN's) para a discussão sobre orientação sexual, pluralidade de culturas, saúde e meio ambiente. Iniciativas progressistas que ajudam no avanço dos temas citados, mas que ainda encontramos vários pontos para avançar dentro do processo educacional brasileiro.

2 METODOLOGIA

O respectivo artigo tem como autoras duas mulheres de diferentes instituições de nível superior com graduação em conclusão, uma em história e a outra em ciência sociais, com atuações de ensino em escolas públicas distintas, apresentando assim diferentes experiências de atuação. Relatar-se-á a experiência do PIBID[6] de Gênero e Sexualidade na escola César Cals com trabalho mais focado na temática, e ao ensino da disciplina de história no fundamental na escola. Pontuamos o relato de experiência como importante, para trazer reflexões para o avanço da educação, uma vez que se estará fazendo um exercício de práxis, harmonizando a teoria *versus* a prática. Então o

[6]PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID de Gênero e Sexualidade na escola, tem caráter interdisciplinar e propõe promover o debate dos temas através de intervenções em três escolas de ensino médio da escola pública de Fortaleza - Ce.

cunho será qualitativo (FLICK, 2009), uma vez que usamos a experiência em sala para fazer a reflexão e discussão, pontuando nossas observações.

2.1 A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO PARA A COMPREENSÃO DO GÊNERO NA ESCOLA

> É impossível pensar, pois, na superação da opressão, da discriminação, da passividade ou da pura rebelião que elas engendram, primeiro, sem uma compreensão crítica da História, na qual, finalmente, essas relações interculturais se dão de forma dialética, por isso, contraditória e processual. Segundo, sem projetos de natureza político-pedagógica no sentido da transformação ou da re-invenção do mundo (FREIRE,1997, p.32).

Para defendermos nosso ponto de vista e avaliarmos os avanços e os retrocessos no sistema educacional do País, precisamos fazer essa análise histórica que nos permite analisar o ensino público no Brasil, desde sua criação. Podemos considerar que o processo de educação brasileira começou em meados de 1549, com a chegada dos jesuítas no País começa-se a catequização dos antigos povos que aqui habitavam.

De lá pra cá, o ensino vai se modernizando, incluindo, ganhando espaço para que hoje a maioria da população tenha acesso as escolas, a educação. Ainda que de maneira falha, afirmamos que ouve avanços importantes e necessários. Cabe a nós futuras docentes, gestores, profissionais da educação levar o ensino público aos rumos de igualdade, direitos e deveres.

A tarefa que cumprimos dentro de sala de aula, nas direções, secretárias, em projetos que torno da pauta é essencial para que seja feita a diferença.

3 COMO PROFESSORAS/ES MILITANTES TRABALHAM AS QUESTÕES RELACIONADAS AO GÊNERO E A SEXUALIDADE EM SALA DE AULA

Fazendo uma análise do sistema de educação escolar no Brasil, percebemos as problemáticas que decorrem de analises mais profundas da sociedade, como reconhecer que o machismo e o patriarcado chegam dentro do ambiente escolar.

Reconhecendo esses tópicos, abordaremos alguns fatos que ocorrem na escola e suas consequências para a vida de meninas e meninos.

Para a contextualização, utilizamos alguns artigos do curso de gênero e sexualidade na escola, promovido pela secretária especial de políticas de promoção à igualdade racial.

Docentes que visam desconstruir o modelo de uma sociedade patriarcal, racista e machista como a nossa devem estar atentos para não reproduzir esse padrão imposto. A ideia principal, dentro e fora de sala de aula é a promoção de igualdade para as/os estudantes das escolas do ensino público. Digo em ensino público, por que nosso trabalho se deu em torno de escolas públicas da cidade de Fortaleza.

Ter alunos e alunas dentro da sala de aula, juntos em um mesmo espaço nos traz diversas reflexões no decorrer do ano escolar. Seja na infância ou na adolescência vamos descobrindo junto com os(as) estudantes novas maneiras de abordar a discriminação de gênero e sexual.

No ensino fundamental temos o maior número de crianças na escola, podemos citar as diferenças no trato entre meninos e meninas. Aqueles que falam demais, os meninos. Que dão trabalho em sala de aula, ou muitas vezes são os que mais perguntam ao professor, os que se destacam na sala. As meninas se dão o papel da recatada, não falante, meiga. Como no trabalho de Elena Belotti, *educar para a submissão (1985).* Ela nos traz um gráfico que mostra os papéis destinados a meninos e as meninas:

Meninos	Meninas
Dinâmicos, barulhentos e agressivos	Apáticas, tranquilas, dóceis e servis
Indisciplinados e desobedientes	Disciplinadas e obedientes
Negligentes, não são aplicados	Metódicas e cuidadosas, são perseverantes
Escrevem devagar, são desarrumados e sujos	Arrumadas, conservam-se limpinhas e asseadas
Autônomos, não dependem, com constância, de afeto, aprovação e auxílio	Dependentes do conceito da professora, pedem aprovação e ajuda com frequência
Seguros, não choram com facilidade	Choronas e emotivas
Solidários com outros do mesmo sexo e com aguçado senso de amizade	Fracas de caráter e pouco solidárias Com as colegas

Conforme o gráfico acima representa, existe uma normatização de comportamentos dados as crianças, jovens e adolescentes. Partindo dessa análise, podemos afirmar que a criança que por algum motivo não se engradar nesse padrão sofrerá preconceito por parte de seus colegas de turma, professores e demais. Meninas, que falam em sala de aula, são tidas como "faladeiras". Meninos mais quietos, arrumados são tidos como os "mariquinhas" da turma.

Cabe aos/as professores/as trabalharem dentro dessas contradições, mostrando ao corpo estudantil que essas são as diversas formas de causam a desigualdade entre homens e mulheres.

Na adolescência vamos perceber mais forte as questões ligadas a sexualidade das meninas e meninos. As tribos, os grupos afetivos, a descoberta do corpo e da sexualidade que influenciam na vivência dentro da escola:

> As noções aprendidas na infância do que é considerado pertinente ao feminino e ao masculino acirram-se e consolidam-se na adolescência. A sociabilidade infantil permite ainda certa convivência de meninos e meninas em diferentes atividades coletivas. Já na adolescência, o fato de haver o aprendizado da aproximação ao sexo oposto, mediado por diferentes formas de relacionamento afetivo sexual (olhar, paquera, ficar, namoro), torna os domínios masculinos e femininos mais nítidos, com limites bem definidos entre si. (Formação de Professor as/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais, 2009).

Com base nesses estudos, concluímos que no ensino médio as noções de sexualidade se afloram entre os jovens, promovendo as descobertas do corpo e do sexo. Nessa época, é que veremos discriminações sobre orientação sexual dos indivíduos, homofobia e discriminação de gênero.

Jovens meninas que não se encaixando no padrão da heteronormativo[7], sofrem a discriminação por parte dos colegas. Não sendo a mais bonita, a que se veste de forma "masculina" logo será taxada de "sapatona" da escola. O mesmo acontece com os meninos se eles não namorarem logo cedo, serão taxados de "veados". Novamente isso acontece devido às regras impostas ao gênero feminino e masculino onde os

[7] Heteronormativo: ligado a norma heterossexual, falocêntrica e binária.

homens têm que serem os pegadores, e as meninas têm que tomar cuidado para não serem tidas como as "galinhas".

O corpo docente e administrativo da escola tem o papel de compreender essas mudanças que ocorrem na vida das/dos adolescentes e saber lidar de maneira mais correta com os estereótipos criados. Outro assunto pertinente na juventude, são as chamadas tribos. Grupos de amizade juvenis que servem como suporte para que esses adolescentes se aceitem e consigam compreender um pouco mais do seu corpo e do seu gênero.

Esses são alguns pontos que podemos retratar e que nos foram mais percebemos no estudo da escola e em nossas vivências escolares. A proposta é trazer essas problemáticas à tona fazendo com que seja feito um trabalho escolar que inclua meninas e meninos de forma igual.

4 PROFESSORAS/ES DESCONSTRUINDO OS PADRÕES SOCIAIS EM SALA DE AULA

Dentro nos nossos cursos de licenciatura, pouco somos realmente direcionados ao trabalho em sala de aula e muito menos instruídos de forma correta a lidar com jovens e crianças. Na universidade temos essa lacuna nos cursos de licenciatura que nos impedem muitas vezes e enfrentar uma sala de aula. Porém conseguimos observar que em muitas universidades existem o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, que compre o papel de levar o/a estudante de universidade pra a convivência da escola, inclusive da sala de aula.

Muitos de nós chegamos as escolas despreparados para a docência, lá encontramos diversos problemas infra estruturais, de gestão e na própria sala de aula com os/as estudantes. Dentre todas as problemáticas do ensino público e superior, não podemos deixar de frisar a falta de disciplinas que promovam a promoção de igualdade nas universidades para os futuros docentes.

Suprimos essa lacuna deixada pelo ensino superior, em outras áreas como a militância estudantil, feminista, em partidos políticos, movimento negro e afins. Encontramos nesses espaços formas de trabalhar e levar para sala de aula de maneira

firme nossos pontos de vista. A tarefa é difícil, pois como já foi dito, encontramos na nossa frente problemas na educação brasileira, problemas sociais que só contribuem para a perpetuação das discriminações na escola.

Cabe a cada um de nós estreitarmos os laços com os estudantes, trazendo de forma lúcida nossos questionamentos.

4.1 Livros didáticos e a família para dentro da escola

Nesse ponto, vamos analisar como o professor/a pode usar novos meios que ajudem a desconstruir as normas sociais, o preconceito tratado. Os livros didáticos são muitas vezes a mostra de como a sociedade exclui os negros/as, gays, lésbicas, mulheres não mostrando suas identidades, suas histórias. Ainda hoje não vi uma história de um livro de português que trate de um casal de homens ou de mulheres.

Mesmo com os avanços, com a abertura desses temas na escola temos outro fator que nos impede de avançarmos em pautas mais progressistas. A família do(a) estudante que muitas vezes se encaixa desse padrão social e é culpada por reproduzir esses preconceitos.

Uma das propostas mais pertinentes que as escolas têm feito é trazer a família para dentro da comunidade escolar, explicando os fatores, mostrando e atentando para o bem dos filhos e dos colegas.

Trazer a família para a escola e trabalhar com o aluno em sala de aula, assuntos como a participação de mulheres na política, violência de gênero, questões sobre nossa sexualidade, as diferenças, os desejos na adolescência. Tudo isso podemos comentar em sala de aula, com vídeos, leituras, filmes, testemunhos em diversas disciplinas escolares.

4.2 Sexualidade na escola

Nesse ponto abordaremos mais o ensino médio e os adolescentes nas questões ligadas a sexualidade. Visto que no ensino fundamental apesar dessa pauta ser importante para travar com os alunos, no ensino médio isso se intensifica mais.

Jovens de 14 à 17 anos estão descobrindo seus corpos, seus desejos e com isso sua orientação sexual. O que cabe à escola é orientar seus/suas estudantes ao cuidado com o corpo e o sexo. O que os livros didáticos deixam a desejar é papel dos professores falarem em sala de aula sobre a homossexualidade, as doenças sexualmente transmissíveis, aos cuidados no sexo, camisinhas, métodos anticonceptivos. Percebe-se que os livros de biologia quando trazem a questão sobre o sexo deixa muito a desejar, pois trata apenas de forma biológica, muito ligada a reprodução, os corpos que são trabalhados no livro, são binários, homem e mulher biológicos. Não vemos os livros tratarem sobre a sexualidade, pouco ou quase nada se aborda os temas de sexo de uma forma mais social e menos fora da realidade.

Nos anos de ensino médio vemos mais nitidamente as orientações sexuais de nossos alunos. Os seus medos, suas repressões que são causadas tanto pelo preconceito fora e dentro da escola. O que se faz necessário é adotar planos pedagógicos que incluam os temas mais sensíveis para serem debatidos tanto pelos professores como pelos alunos.

Pela experiência que uma de nós teve através do Pibid de Gênero e Sexualidade na escola, em turma de ensino médio, percebemos que os/as estudantes sentem uma ânsia para conversar e falar sobre esses temas, pois estão cotidianamente na vida de cada um deles. Observa-se que nessa idade eles/as sabem muitas coisas, muitos possuem um embasamento até teóricos sobre os assuntos, muito por conta talvez do acesso à internet, e que a maior barreira que talvez possamos encontrar, é justamente do corpo docência ou na direção escola, que muitas vezes, por sua geração, se encontrar fechados para debater os temas, e aceitar as opiniões dos/as estudantes. Torna-se comum o corpo escolar não saber ligar com questões como homossexualidade na escola, muitas vezes, eles acham que um problema, que é algo que vai passar que é por canta da idade.

Existe também em Fortaleza, uma parceria entre a SEDUC (Secretaria de Educação do Ceará) a Universidade Federal do Ceará, que promovem cursos semipresenciais para professos da rede pública, um dos cursos promovidos é sobre Direitos Humanos Gênero e Diversidade Sexual, são iniciativas e marcos importantes, para esse avanço do debate na escola.

CONCLUSÃO

O cenário atual brasileiro traz constantemente questões, que até pouco tempo, passavam de forma velada, "proibidas" de serem mencionadas publicamente. Conseguimos observar na mídia, ser cada vez mais comum levantar casos sobre a homossexualidade e a questão da violência contra mulher. Mas essa mesma mídia que parece romper com antigas formas de estereótipos, ainda reproduz muita coisa e serve para fortalecer velhos preconceitos.

Observa-se também que a educação e o próprio Estado como um todo, ao mesmo tempo em que avança em seu debate de políticas voltadas para essas demandas especificas, retrocede em outros, se regulamenta o casamento civil igualitário[8] entre pessoas do mesmo sexo, mas se veta na escola o kit contra a homofobia[9], trabalha-se no currículo escolar a igualdade de gênero, mas ainda se separam as meninas dos meninos em atividades escolares das mais simples. Conseguimos perceber que todos esses meios sociais interagem em certo grau entre si, sendo assim eles também refletem que ainda não há uma ruptura ideologia, com os antigos padrões de fato.

Esses processos contraditórios, de avanços e recuos, nos fazem pensar inúmeras coisas, assim esse trabalho tem como objetivo levantar a problematização dessas questões em escolas públicas de Fortaleza, entendendo que parte desse processo de nível nacional também se reflete em ambientes locais.

[8]Casamento Igualitário: Em 14 de maio de 2013, todos/as brasileiros e brasileiras têm direito ao casamento civil.
[9]Material feito pelo MEC para as escolas de rede pública que foi vetado por conta da pressão de conservadores, dentre e fora do congresso.

Por várias questões, percebemos que não basta que tentem mudar individualmente as práticas escolares, temos o papel sim de levar o debater e promover a igualdade e o respeito entre todas as pessoas na escola, porém sem uma política pública educacional mais direta, que trabalhe com a escola e com a família, fica bastante complicado. Mas como militantes nos colocamos nesse papel transformador como educadora, entendendo que além de nossos/as alunos/as estamos lidando com pessoas em construção.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Andreia. ARAUJO, Leila. PEREIRA, Maria Elisabete. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELOTI, Helena Gianini. **Educar para a submissão.** Editora Vozes, 1985.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2ª edição, 1997.

LOURO, Guacira Lopes.**Gênero, sexualidade e educação**.Cap. 1 e 2 - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; GIONORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria. Relações de Gênero. In: DESLANDES, Keila; LOURENÇO, Érika. **Por uma Cultura de Direitos Humanos na Escola.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. p. 82-91.

STAMATO, Maria Inês Sucupira. **UM OLHAR NA HISTÓRIA: A MULHER NA ESCOLA** BRASIL: 1549 – 1910. Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN). Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf. Acesso em 10 de setembro de 2014.